

TEATRO DO OPRIMIDO NA COMUNIDADE: UMA EXPERIÊNCIA DE EXTENSÃO NA ESCOLA PÚBLICA

ISMÁILER RODRIGUEZ BORGES; PROF^a FABIANE TEJADA DA SILVEIRA

Universidade Federal de Pelotas – ismailerborges@yahoo.com.br

Universidade Federal de Pelotas – tejadafabiane@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O Projeto de Extensão Teatro do Oprimido na Comunidade (TOCO) é coordenado pela Prof^a. Dr^a. Fabiane Tejada da Silveira do Centro de Artes da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), atualmente conta com 6 acadêmicos de graduação. O Projeto tem como objetivo inserir os acadêmicos na comunidade escolar e associações de bairros para levantar questões de situações de opressões e problematizá-las através da cena teatral. Em 2020 o projeto completou dez anos de atuação, ao longo deste tempo desenvolveu atividades em mais de três bairros da cidade de Pelotas e também nas cidades de Capão do Leão e São Lourenço do Sul.

O Teatro do Oprimido foi sistematizado por Augusto Boal durante a ditadura militar na década de 70, suas técnicas teatrais originaram-se em momentos diferentes da sua vida, algumas durante o seu exílio, e também a partir da necessidade da comunidade em que estava trabalhando. Boal visa problematizar os conflitos sociais tendo o teatro como ferramenta, pois, para ele, todos somos teatro, todos fazemos teatro. Boal pensou na necessidade de fazer um teatro dialógico, que instigue os indivíduos a falarem sobre a relação opressor/oprimido na sociedade. O educando se torna o personagem, com o viés de problematizar ações do contexto social, político e histórico onde está inserido, encontrando soluções para lidar com as opressões vivenciadas sem tornar-se o opressor.

Se o oprimido artista for capaz de criar um mundo autônomo de imagens de sua própria realidade e de representar sua libertação na realidade dessas imagens, poderá extrapolar, em seguida, para a sua própria vida, tudo o que tiver realizado na ficção. A cena e o palco tornam-se o campo de prova para a vida real (BOAL, 2009, p. 27).

O Teatro do Oprimido nos instiga a problematizar, quando chegamos na comunidade, e procuramos estimular aquele grupo para que consiga por si só identificar as opressões existentes tanto no ambiente escolar, quanto familiar e social e, a partir disso, encontrar soluções que sejam de diálogo. Além disso, a proposta é que os oprimidos não se tornem os opressores, já que, o objetivo não é inverter os papéis entre opressores e oprimidos.

Paulo Freire afirma que o ponto de partida para a educação como prática de liberdade são: a ética, a solidariedade e a libertação. Os oprimidos têm a tarefa de construir a liberdade de todos, de olhar, observar e se conhecer. Freire propôs uma educação que respeita os diferentes pontos de vista sobre um mesmo tema, acreditando que todos os indivíduos são capazes de expor determinada realidade.

A maneira sempre aberta como me experimentei em casa, com direito posto em prática de perguntar, de discordar, de criticar, não pode ser desprezada na compreensão de como venho sendo professor. De como, desde os começos de minha indecisa prática

docente, eu já me inclinava, convicto, ao diálogo, ao respeito ao aluno (FREIRE, 1993, p.83).

Na perspectiva do trabalho do projeto TOCO a obra de Freire nos indica que existem pensamentos diferentes sobre a realidade, e devemos escutá-los com atenção. É preciso levar em consideração a história de vida de cada indivíduo, a realidade em que vive determinado grupo social, o que configura a sua própria identidade.

2. METODOLOGIA

Desde que me tornei integrante do projeto, iniciamos conhecendo uns aos outros e se conhecendo, o processo inicial durou cerca de quatro meses, neste período estudávamos sobre Augusto Boal e Paulo Freire, debatíamos as opressões, nos conhecíamos e entendíamos o mundo ao nosso redor. Mesmo que sempre façamos isso por ser uma constante aprendizagem, troca de experiências e iniciação docente, era importante focar nisso para que entendessemos o nosso projeto de extensão. Nos encontros é importante compartilhar com o grupo as vivências sociais e históricas ao qual estamos inseridos. A partir disso, desenvolvemos juntos atividades práticas de teatro do oprimido usando as técnicas de Augusto Boal que são: Teatro Imagem, onde o grupo monta a imagem congelada de uma cena de opressão, como exemplo racismo e homofobia e os que estão assistindo transformam-na em uma imagem em que não exista opressão. Foram usadas outras técnicas como: Teatro Fórum, Teatro Jornal e Teatro Invisível.

A partir dessas atividades práticas, com o debate, com a partilha e com o estudo, comecei a me reconhecer, a identificar as minhas próprias opressões. Além disso, percebi também o meu lado opressor que eu não identificava. O interessante do projeto é essa percepção da nossa relação com o mundo. Surgindo a vontade de conhecer outras formas de opressão, de estudar e observar o mundo ao meu redor. Para chegar na comunidade eu passei por esse processo para estar preparado e apto ao lidar com turmas de diversas idades que passam por situações adversas e perturbantes.

Nosso objetivo no projeto não é chegar na comunidade e dizer como jovens devem agir, e sim, sermos mediadores do teatro do oprimido e fazer com que eles, por si só, identifiquem as opressões e os desentendimentos e as injustiças que acontecem no contexto onde vivem. É uma forma de libertar o oprimido pensando na necessidade de não torná-lo opressor.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Iniciei meu trabalho no projeto, como acadêmico em extensão dentro de uma escola estadual da cidade de Pelotas/RS, trabalhando por um ano e meio. Alunos de idades e personalidades distintas, turmas de 6º e 7º ano, entre 11 e 17 anos. Pela facilidade de comunicação, fui bem recebido por eles e era chamado de “O Professor de Teatro”. Sempre muito entusiasmados, receptivos e observadores. Desde o nosso primeiro encontro, dei a eles liberdade de se expressarem, falarem sobre suas dores, incômodos, dificuldades e além disso, a falarem sobre o que gostam de fazer, tanto dentro do ambiente escolar quanto no momento de lazer. Fomos nos conhecendo, e para mim, esse processo já era o ponto mais importante, pela forma com que os alunos falavam abertamente de suas vidas comigo.

Com o objetivo de falar sobre opressões usando o teatro como ferramenta, analiso e entendo que todo o processo feito foi necessário. O teatro dentro da escola é visto como um produto comercial, muitas vezes, concebido como se fosse apenas uma história contada por atores e atrizes com início, meio e fim. E pude fazer com que eles entendessem que o nosso objetivo não seria montar um espetáculo de teatro tradicional, mas levar em consideração nosso processo durante aquele tempo que estaríamos juntos. Dentro da escola, observei inúmeras formas de opressão, entre racismo, homofobia, machismo, e identifiquei professores que oprimiam os próprios alunos, rotulando-os.

Todas as opressões ali vistas, estão enraizadas na nossa sociedade, cada estudante ou professor daquela escola tem sua vida pessoal, com problemas familiares. Como o meu trabalho necessitava muito do corpo para fazer as atividades e nem sempre obtive sucesso porque nem sempre estavam dispostos, encontrei uma forma de me adaptar com os alunos, havia uma turma que não gosta de se exercitar, então usei a palavra como método para trocar algo com eles. Conversar era o que mais eles gostavam, portanto usei a conversa como uma ferramenta pela potência que nela existe. Havia outra turma que gostava muito de jogar futebol, usei disso para adaptar as minhas propostas, como por exemplo, usar a bola, fazer atividades em dois grupos, tarefas, exercícios físicos, até chegar nas técnicas de Boal.

Ao passar do tempo, criamos muita intimidade. As nossas conversações eram espontâneas, quando algum deles não se sentia bem para falar sobre alguma situação, me procuravam para conversar no particular. Foi muito produtivo todas as atividades desenvolvidas com os alunos que sempre se mostraram curiosos, pois nossas aulas fugiam da escola tradicional que eles estão acostumados. Obtivemos resultados positivos, pois os estudantes falavam sobre questões tão pertinentes na nossa sociedade e fez com que a troca de aprendizagem entre discentes e docentes fosse recíproca.

Ao concluir um ano e meio de projeto na escola, surgiu a pandemia e o TOCO precisou se adaptar a essa nova realidade. Hoje contamos com atividades remotas para acadêmicos novos com interesse de se integrar ao projeto de extensão. Projetamos lives e vídeos com convidados, com o objetivo de conversar sobre questões sociais e sobre o Teatro do Oprimido.

4. CONCLUSÕES

Concluo que a extensão universitária beneficiou o meu ingresso dentro da comunidade escolar como uma forma de me preparar profissionalmente. Além de também beneficiar a escola com alunos universitários que levam até ela novas discussões e possibilidades de resignificar o espaço educativo. Enquanto estudante, vivemos mais tempo na “bolha” que é na maioria das vezes a universidade para quem não se envolve com a extensão ou outros projetos. No projeto pude estar na comunidade lidando com a realidade que me espera enquanto profissional.

A proposta do TOCO é inovadora porque aborda questões sociais presentes no cotidiano das pessoas, e poder falar/representar formas de opressão em espaços sociais nos dá a oportunidade de lutar pela sociedade mais justa e pela educação para a liberdade que tanto sonhamos. Paulo Freire diz que todos nós temos a ensinar e aprender, e com isso afirmo que aprendi muito com os estudantes envolvidos no projeto na escola, já que cada um de nós temos a nossa história e formas diferentes de inserção e compreensão da realidade.



5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOAL, A. **A Estética do Oprimido**. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, P. **Política e Educação**. São Paulo: Cortez, 1993.

BOAL, A. **Teatro do Oprimido: e Outras Poéticas Políticas**. São Paulo: Editora 34.